



N.º 5

RENOVAÇÃO

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: Santos Arranha * Editor: Alexandre de Assis * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Oficinas de composição e impressão: Imprensa Belesa — R. da Rosa, 99 a 107
Redacção e Administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Telefone: Trindade 539

SUMARIO do numero anterior:

O problema de Marrocos, com gravuras; O optimismo do poeta Walt Whitman, por Eucaristino de Mendonça; Lógica de lindas bôcas, conto de Rocha Martins, com ilustrações de Rocha Vieira; Confissão, versos de Aristides Ribeiro com desenho de Rocha Vieira; Singularidades de Maria Margarida, por Augusto Pinto com desenho de Rocha Vieira; A árvore — O encanto das paisagens, com gravuras; A pintura a fresco em Portugal, por Adolfo de Castro; A caminho da África — A ilha da Madeira, por Julião Quintinha, com gravuras; A intollerância triunfa, com gravuras; O mundo curioso; Actualidades: Trostky e Staline — O pintor L'Hermitte; Capa — O sementeiro, desenho de Roberto Nobre.

Ano I — Numero 5

Lisboa, 1 de Setembro de 1925

O presente número é acompanhado de um *Hors-texte*

Renovação

SAINT-BARTHELEMY

MAIS UMA PÁGINA SANGRENTA E ODIOSA

DA HISTÓRIA DO CATOLICISMO

Há 353 anos — A matança dos huguenotes — A religião católica inimiga do livre-exame — O eterno conúbio do Estado e da Igreja — O fantasma da República — Catolicismo, religião da morte — A influência moral da Igreja — Seus novos processos de dominar.

O massacre iniciado em Paris na noite de 23 para 24 de Agosto de 1572, conhecido na história por «La Saint-Barthélemy» do nome do santo Bartolomeu, que a Igreja venera nessa data, não foi mais do que um episódio das

Pelos princípios do século XVI, as ideias da Reforma e do livre-exame tinham, breve, conquistado adeptos entre as classes mais cultas da Europa. Em França seguiam a sombria teologia calvinista quasi todos os nobres e alguns príncipes. Por moda talvez. O certo é que grande parte da aristocracia francesa votava ao desprezo os dogmas do catolicismo, o seu papado ávido e o seu clero corrupto.

Era rei de França então esse mísero Carlos IX, trôpego, impotente, tuberculoso, tipo dos reis *faineants*, em que foi fértil a monarquia francesa, como aliás todas as



Matança dos huguenotes, segundo um desenho da época

sangrentas guerras de religião, que a Reforma provocou na Europa. Pela felonía e requintes de perversidade que o caracterizaram ficou, porém, sendo um dos marcos miliários da intolerância católica e a demonstração plena do desprezo pela vida humana, que o Estado e a Igreja ainda hoje sustentam, não o praticando tão largamente como desejaríamos, porque nós não deixamos.

monarquias. Quem governava de facto era a megera Catarina de Medecis, mãe do rei, intriguista, perversa, dotada do vício político no mais largo e baixo sentimento de expressão. Fazia e desfazia combinações políticas, caprichosamente. Ora era pela Espanha e pelo Papado, ora estava contra êles. Tanto dizia pretender a paz interna e fomentar a guerra externa na Flandres, como simulava

desejar as boas graças do torvo Alba e de seu amo o «Demónio do Meio-Dia», para a ferro e fogo reprimir dentro da França a heresia protestante. Temperamento feio, procurava constantemente a luta de intrigas da corte, luta que vastas vezes se repercutia na praça pública e nos campos de batalha. O filho era um farrapo nas suas mãos e quando ela o entontecia com sugestões, planos, projectos, combinações políticas, abandonava-lhe o governo e fugia para a... caça. Eram, e são, dêsse estofo os reis de direito divino.

Huguenotes se chamavam os partidários da Reforma em França. A designação viera-lhes da corruptela do vocábulo alemão *eidgnossen*, que significa confederados, ligados por juramentos. A' frente dêles encontrava-se Henrique de Navarra, que depois foi rei de França, o quarto de nome, «le bon roi Henri», tolerante e inteligente e que primeiro teve intenção de criar um tribunal internacional, onde os pleitos entre os Estados fossem dirimidos pelo direito e não pelas guerras.

Acaudilhavam o príncipe algumas das primeiras figuras da aristocracia francesa e entre elas a do velho almirante Coligny que, apesar das suas crenças religiosas, conseguira obter a simpatia de Carlos IX.

Catarina de Medecis detestava o almirante e apesar de ser também inimiga dos Guise aliara-se com êles, para o perder e aos da sua seita.

Dissimulando os seus odiosos propósitos, Catarina promoveu uma controvérsia entre católicos e protestantes, a fim de verificar, dizia, de que lado estava a verdade. Foi coisa digna de vêr-se êsse torneio de teólogos, onde de um lado alinhavam os bispos de França, cobertos de arminhos e pedrarias e do outro os casuistas do Calvinismo, simples no trajar e nas palavras. Não foram os católicos quem levou a melhor no pleito, pois aos seus absurdos argumentos, aos seus dogmas só assentes na revelação, à sua retórica balofa, opunham os calvinistas o livre-exame e os textos bíblicos, a simonia de Roma e a corrupção dos bispos e abades. Apesar disso, Catarina e a corte continuaram fieis ao Papado e à Reacção religiosa.

Como era preciso abater Coligny, atingindo o mais alto possível a falange dos Huguenotes, tramou-se contra a vida do almirante. E na noite de 21 de Agosto, quando êle saía dos aposentos do rei, da janela do palácio dos Guise é alvejado a tiros de arcabuz e cai ferido.

Carlos IX pretende vingar a morte do seu mestre e amigo e vai ordenar que se apure quem são os autores do atentado e que os castiguem. A mãe acode, porém, explicando-lhe a conspiração em que se envolvara com os Guise, para fazer desaparecer o Almirante. Avoluma ante os seus olhos pávidos o perigo da repetição das tentativas de golpes de Estado de 1560 em Ambroise e 1567 em Maux. Diz-lhe que os huguenotes se querem apoderar da família real, por meio duma revolução, para proclamarem a república. Ante o fantasma da república, que só dois séculos depois havia de ser realidade triunfante, a vontade frouxa do rei cede e diz à mãe a frase célebre, a frase histórica:

— Pois bem, que os matem, mas que os matem todos!

Procurou-se seguir o mais possível à risca a real ordem. Tinha sido decretado o extermínio completo dos huguenotes e procedeu-se com o mesmo método e a mesma crueldade das «Vesperas Sicilianas».

Os sinos de Saint-Germain-l'Auxerrois deram o sinal da chacina. O momento era mais do que qualquer outro propício a um massacre completo. A pretexto do casamento de Henrique de Navarra com Margarida de Valois, irmã do rei, tinham-se congregado em Paris quantos acaudilhavam o príncipe. A fina flôr do protestantismo francês estava portanto à disposição dos sicários.

Foi completa a chacina. Nem os velhos, nem as mulheres e as crianças escaparam. A turba embriagada de sangue e açulada pelos padres e pelos soldados do rei delirava no meio da carnagem.

A chuço e a tiro todos os huguenotes foram abatidos. Exceptuaram-se Henrique de Navarra, cunhado do rei, que ficou preso no Louvre, sob promessa de se converter ao catolicismo e dois ou três nobres que, por morarem fóra de portas, puderam escapar-se. Coligny êsse foi dos primeiros a cair.

O próprio rei, que se orgulhava de ser bom caçador, atirou das janelas do Palácio a alguns huguenotes que lhe passavam ao alcance do arcabuz, acossados pela multidão desvairada.

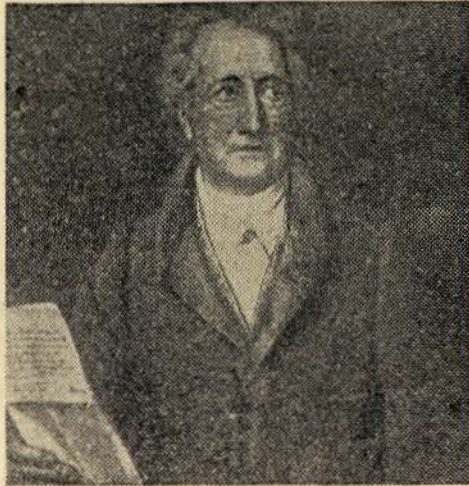
Na noite sangrenta de S. Bartolomeu foram assassinadas só em Paris, mais de duas mil pessoas. A chacina continuou, porém, durante semanas e computam-se em cerca de cem mil os huguenotes então sacrificados em toda a França.

Esta página da história da religião católica merece ser evocada sempre. Para a opôr, ao lado da Cruzada dos Albigenses, da Matança dos Cristãos Novos e da Inquisição, ao tam repetido sacrifício dos mártires do catolicismo, que muitos apresentam como demonstração da sublimidade da seita católica; para demonstrar quanto sangue derramou e ensinou a derramar a tal «religião da bondade», que conseguiu com os seus embustes dominar o mundo.

Foi o catolicismo, «religião da morte», quem com o seu culto de violência, o seu estrutural espírito de vingança, a sua ância de sangue, mais contribuiu para que o homem ainda hoje seja a fera que mata o homem, por pão ou por dinheiro.

Séculos e séculos de carnagem, de fogueiras, de torturas e de *in-paces*, permitiram, estimularam, os instintos baixos da espécie. Os atentados, as bombas, as depradações são fruto da educação católica. As guerras, a pena de morte, os cárceres, se ainda existem, é por obra dessa mesma Igreja, a que Voltaire chamou simplesmente — infame. Libertaram-se algumas nações do jugo do Papado, expulsaram alguns povos os seus reis dos tronos; mas a semente do mal ficou. A potente organização católica alastra pelo mundo. Invadiu já os países mais refratários à sua propaganda. Amolda-se, adapta-se a tudo. Quando não pode oprimir, bajula. E' ferozmente monarquica em Espanha e republicana em Portugal. Adula Mussolini em Itália e festeja Tchitcherine enviado dos Sovietes. Consoante os meios é militarista e autoritária ou socialista e sindical. E' um polvo, toma as côres e os aspectos dos locais onde se encontra, para melhor apanhar a preza — a sugar depois.

O 176.º ANIVERSARIO DO NASCIMENTO DO POETA GOETHE



Retrato de Goethe, por Stieler

PASSOU no dia 28 do mês findo mais um aniversário do nascimento dum homem que, na galeria dos entes superiores, tem pedestal ao lado de Dante e de Shakespeare: João Crisóstomo Wolfgang Goethe. Foi a 28 de Agosto de 1749, que viu a luz, em Francfort sobre-o-Meno, o grande pensador e altíssimo poeta do *Fausto*.

Goethe não é só a maior glória poética da Alemanha. A sua obra vastíssima ultrapassou o Reno, difundiu-se pelo mundo inteiro. Pensador e poeta, sábio e filósofo, o seu nome rutila entre os astros de primeira grandeza da humana constelação do génio. A sua obra é um assombro: A Humanidade, que se curva agora ante os esplendores desse cérebro imortal, deve-lhe extranhas revelações de beleza, sublimes criações de arte.

Viveu para a Arte, tóda a sua vida incerta de boémio e aventureiro consagrou ao seu culto, elevando-se sempre — até que a morte, em plena luz, coroou dignamente a sua existência de predestinado.

Viveu: Trabalhou e venceu. Na hora da Morte, ao volver seus olhos, fálhando ainda as chispas do seu génio criador, deve ter-se sentido contente da luminosa esteira que deixou na sua passagem pela Vida. Como um símbolo do que fôra sempre a sua aspiração, as suas últimas palavras, dirigidas à enfermeira que velava o sono agitado do agonizante, foram: *Mais luz!* Na hora suprema, era ainda o sacro amor da Luz a sua única aspiração. E a Luz entrou a jorros pela janela aberta ao seu pedido instante,— e o génio expirou serenamente. Foi na madrugada de 22 de Março de 1832. O poeta contava 83 anos de idade.

«Amou muito, — diz um dos seus biógrafos. — Amou tanto quanto criou.» Síntese da sua vida de artista e de

pensador, a quem fascinavam com poder igual os esplendores da Arte e as maravilhas da Ciência, os encantos da Mulher e os enigmas da Filosofia.

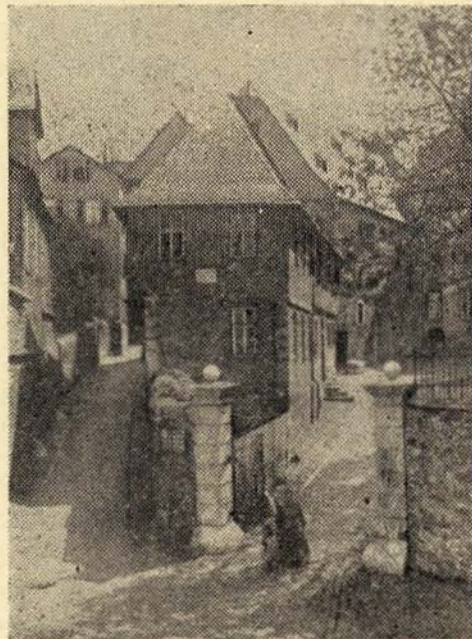
Uma frase de Goethe que resume a essência da sua ideologia: «O Amor é o sofrimento, mas tódo o sofrimento é voluptuoso... Ah! Onde existe uma voluptuosidade que iguale os sofrimentos do Amor?» Pensava assim, viveu guiado por este *credo* simples, humano e belo.

Como a de todos os seres de excepção, a sua vida foi cortada de incidentes, de amores e de aventuras. Ora, boémio incorrigível, era encontrado, a cair de bêbado, à porta de alguma taberna imunda, ora, corteção distinto, passeava pelos salões aristocráticos da Córte de Weimar a sua aprumada elegância.

Há quem lhe censure não possuir a altivez indomita desse outro génio de quem foi amigo, Beethoven. Existe mesmo um quadro onde aparece o poeta curvando-se respeitosa e ante os principes reinantes, no balneário de Terplitz, enquanto o orgulhoso músico austríaco, que o acompanhava, lhes voltava desdenhosamente as costas.

Um dos episódios mais interessantes da sua vida é o dos seus amores com Carlota Berffen, que foi a origem do célebre *Werther*, que, se não é a sua obra-prima, e nem talvez mesmo seja das suas melhores obras, é, sem dúvida, o seu livro mais conhecido e que maior número de admiradores lhe conquistou.

E', de resto, bem simples, esse episódio. Goethe ti-



Pavilhão em que habitava Goethe no parque de Weimar

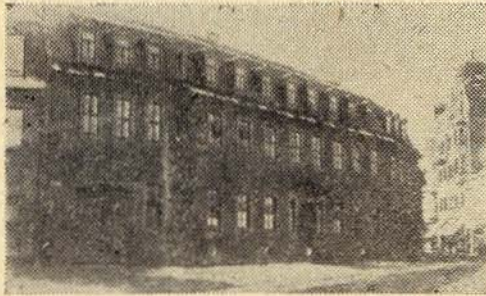
nia então vinte anos. O acaso levou-o à aldeia de Wertzlar, onde conheceu sua prima Carlota, burguezinha gentil, lindo sorriso em bôca admirável, cabelos de ouro fosco, mocidade em flôr — e noiva dum amigo dele, um pacato secretário de Legação chamado Kestner.

Apresentado à priminha num baile, a sua fogosa juventude prendeu-se daquela silhueta graciosa. Passou três meses em Wertzlar, rendido aos encantos da rapariga que alimentava com sorrisos o fogo daquela paixão, — sem deixar, contudo, de sorrir também ao diplomata.

De súbito, Goethe, convidado por um amigo, desaparece de Wertzlar e vai para Thal, onde reclamavam a sua presença. Carlota suspira, e Kestner dissimula vagos receios. Há troca de cartas apaixonadas. Mas o secretário de Legação põe ao romântico idílio o ponto final burguês do casamento. Goethe, a quem novos amores distraíam já, acha o assunto bom para uma novela. Sonhara — tinha



Casa de Carlota Erffen, em Wertzlar, convertida pelo «Werther», de Goethe, em reliquia do classicismo



Casa de Goethe, em Weimar, que se conserva hoje como museu

vinte anos — arremessar o seu corpo ensangüentado aos pés de Carlota, — e escreveu-o, o que achou preferível a fazê-lo.

Mas há muitas mulheres a perfumar de graça e de beleza a vida de Goethe. Desde a priminha esquiua que lhe sugeriu o *Werther*, até a Anita Schöenköpf, que foi, talvez, a sua Margarida, muitos rostos de mulher perpassam na vida do autor do *Fausto* — flores que adornaram a sua banca de trabalho e que para ele desabrocharam em sorrisos, nas horas febris de inspiração, a dar-lhe estímulo para que proseguisse na sua victoriosa ascensão aos domínios da Beleza Eterna.

AS PEQUENAS DESCOBERTAS PRATICAS

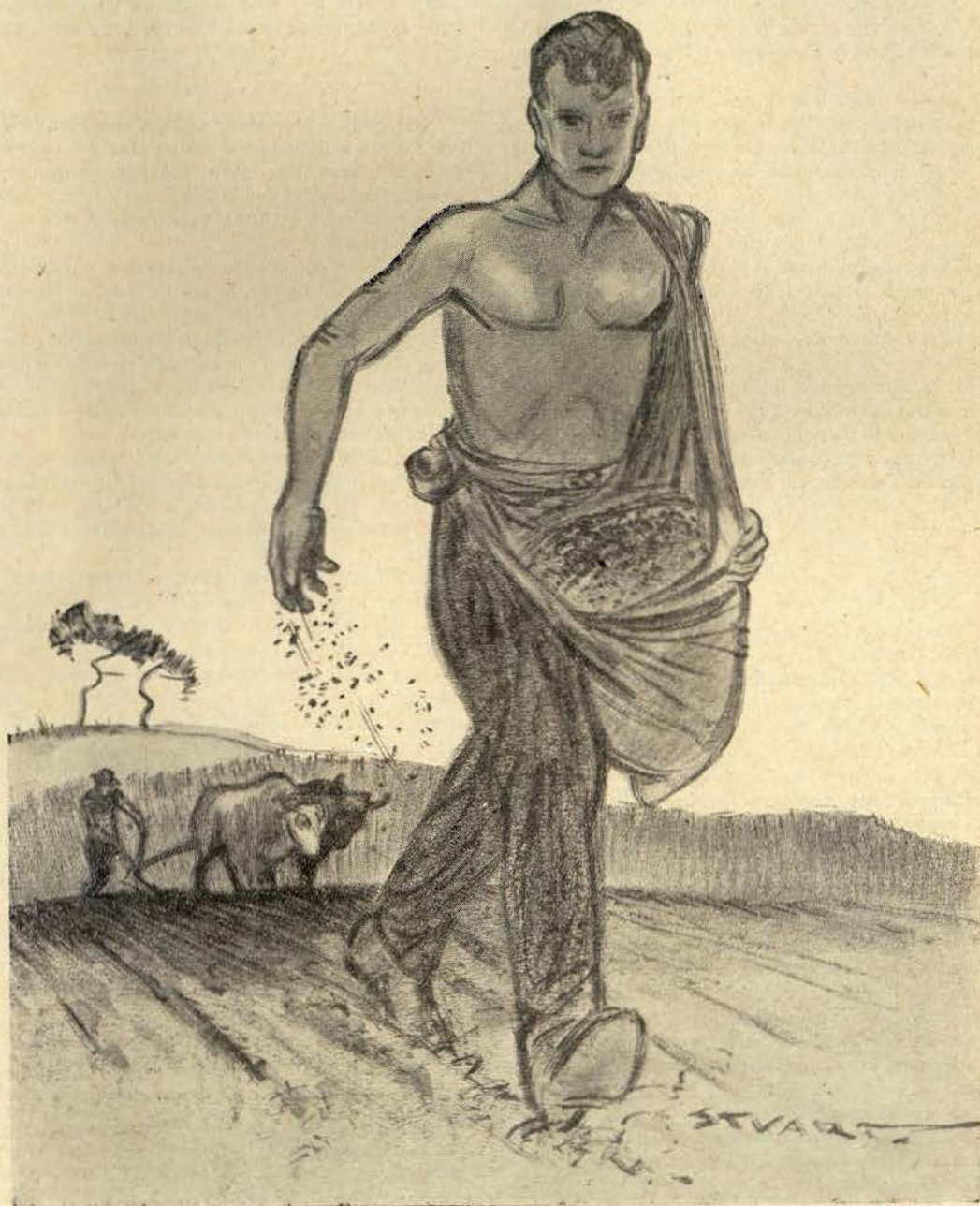


Este barco salva-vidas em borracha, que se enche como um pneumático e que, vazio, pode-se transportar num pequeno saco de viagem, está sendo utilizado pelos exploradores polares.



Eis uma original invenção tão simples como prática. O *sid-car* da motocicleta é substituído por uma canôa. Chegados à praia, despende-se a canôa da moto e põe-se a navegar.

O SEMEADOR



Em sulcos fundos, cavados, na terra arada com dór, a semente cai. E germina e puja e frutifica e sazona em graça.

O gesto sublime e heroico de atirar para a terra a se-

mente que há de ser pão e abundancia, comove e inspira. Santifica. Semear é querer renovar a vida, prolongá-la em juventude e beleza. Semear é vencer as forças tenebrosas da morte. Semear é cantar. Entoar himnos de fé e louvor

á natureza bemfazeja e promitente; rugir estrofes de revolta contra as forças desconhecidas e indomáveis; murmurar melopeias de dúvida sôbre o mistério da geração.

Germinará o grão adubado com suor e lágrimas? Não virão as geadas sufocar a planta tenra e tamanina? Amadurecerá o trigo bem, no fundo da sua couraça defensiva? Não virá o fogo inimigo destruir o pão nas eiras?

As angústias, os sobressaltos, as miragens, os sonhos que deslumbram e afligem o semeador!... Os cuidados paternais que lhe sulcam, fundo, a face tisonada e apreensiva!...

Chove?! Será farto o ano, senhores, que a terra é ávida e padece do fogo interior que a consome. Chove mais?! Ai das sementeiras que se vão desregadas, boiando as sementes plectóricas de vida, no enxurro torvo da morte.

Eis que o caule verde-claro rompe a tona crestada e dura da terra. Cresce e avigora. E' já haste flexível, mas forte, que verga e suporta as nortadas rijas. Ao alto afloram as espigas singelas, embriões de vidas novas brotadas daquela vida. E os calores do estio entram a dourar as searas. Amadurece o trigo e as espigas pendem de abundância.

E' a hora segador! Impiedosamente separa da terra-mãe o fruto sazonado. Sofre e sua nessa tarefa dura. Abroquela-te ao peso do sol dardejante. Sofre. Sofre e revolta-te, que o pão que semeaste com angustia, viste crescer em ansia e colher em amargura, não é para tí!

Todos nós temos no sangue e nos nervos o geito de semear. Todos nós vivemos da terra. Aonde há aí genealogia, que não tenha raizes no humus agrário? Quem pode afirmar não possuir na família um parente próximo ou remoto, que não fôsse agricultor? Quem? Pelo conceito bíblico, Caím, o unico varão que proliferou dos gerados pelo primeiro casal, teve de cavar a terra com o suor do seu rosto; segundo a hipótese científica, já antes da era dos metais o homem arava o solo e mais: cosia o pão.

A tendência rural, innata, imprime caracter na vida. Na arte e no sentimento sempre teve lugar primeiro o bucolismo.

O campo!... Para os que vivem encarcerados nas cidades é o viver no campo o grande ideal perseguido, que nem sempre se atinge. Os sacrificios que fazem os pobres, para poder no ano passar uns dias no campo! As despesas a que se dão os ricos, para procurar o mais remoto, o mais selvático, o mais característico na paisagem campesina!

E desculpam-se todos: ares, aguas, repouso... mentira! E' só e fundamentalmente a ansia ancestral de comungar a terra, de regressar à floresta, à tranqüila e humilde vida agrária.

Inconscientemente cumprindo um perdido ritual pagão, o homem das cidades busca a vida rural, para se penitenciar de, êle ou os seus antepassados, a terem abandonado, um dia. Em contacto com ela, remoça, tensifica-se, avigora e ganha ânimo, para a luta sem tréguas no imenso campo de batalha das cidades.

E depois, atribui aos ares, às águas, ao repouso, a salubridade de espírito que armazenou para umas semanas, para uns meses, mesmo. E esquece-se de agradecer à terra, e só a ela e aos seus atributos a cura, o refrigerio, a paz de que gozou.

O espírito rural, porém, herdado e renovado em fugidios contactos, continua a frutificar no homem das cidades. E' ele que guia o pensador e o divulgador de ideias especialmente na sua faina obscura e heroica.

Tal como o semeador de pão, o semeador de ideias sua sangue a desbravar o campo maninho, onde se há de fazer a sementeira. Sofre as mesmas angustias e as mesmas tormentosas duvidas ao lançar à terra a semente do pensamento, A ansiedade persegue-o ao vêr desenvolver-se o germen.

Não pára, porém. Não aguarda que a planta cresça e frutifique. Não goza a alegria pagã de vêr sazonado o fruto, de o sentir nas eiras cachoar em torrentes de oiro.

Semeia sempre, obstinadamente. Não colhe; não colherá nunca. No mesmo gesto largo, mecanico já por repetido, arremessa para o largo o grão, êsse grão imponderavel, que não se vê cair, que não faz mossã na terra, e que só germina um entre um milhão.

O pensador continua a sua labuta, indiferente, na aparência, aos malogros e aos triunfos. Arrosta com as intemperies, que são os doestos, as calunias, as perseguições. Sofre as lutas intimas, devastadoras e ferozes, da duvida.

Por isso padece mais que o semeador do grão, que o cultiva e colhe, para regalo dos outros. Sofre porque a fé no triunfo remoto das ideias, a esperança num futuro ainda longinquo, não bastam para saci-lo de certeza. O semeador, passados seis meses sobre a prática ritual da ofrenda do grão à terra, vê o trigo nas eiras ou sente a fome no seu lar. O pensador não. E' quantas vezes uma vida inteira de amarguras, amassada em sacrificios inenarraveis, para afinal a ideia lançada no inicio dela, mal ter germinado ainda!

Há, porém, uma diferença maior entre a condição dos dois semeadores. E' que enquanto o agricultor ruger, ou deve rugir, a sua revolta, por os frutos da terra não serem para êle, o divulgador de ideias, brama e estorce de agonia, por o Estado e o Capital, a Igreja e a Sociedade, a Ignorância e o Preconceito não permitirem que a ideia lançada ao sólo se desenvolva e floresça em beleza, para regalo de todos, para felicidade do genero humano.

A ciencia encerra o futuro da humanidade. Até aquil não foi a razão que guiou o mundo; foi o capricho e a paixão. Dia vir que a razão, esclarecida pela experiencia, tomard o seu legitimo imperio, o unico que é de direito positivo, e conduzirá o mundo, não ao acaso, mas com a clarividencia do fim que tem que cumprir. A ciencia que governará o mundo não será a politica. A politica ou seja a maneira de governar a humanidade como uma maquina, desaparecerá como arte especial logo que a humanidade deixe de ser maquina. A ciencia poderosa, a ciencia soberana, será a filosofia.

Para a politica — disse Herder — o homem é um meio; para a moral é um fim. A revolução do futuro será o triunfo da moral sobre a politica.

ERNESTO RENAN.

OS PROGRESSOS DO FEMINISMO

Os que se ateam, no que toca ao movimento social no Universo, a uma visão vaga e desatenta, teem, a proposito da luta pelas reivindicações feministas, a impressão de uma trégua. Engano profundo.

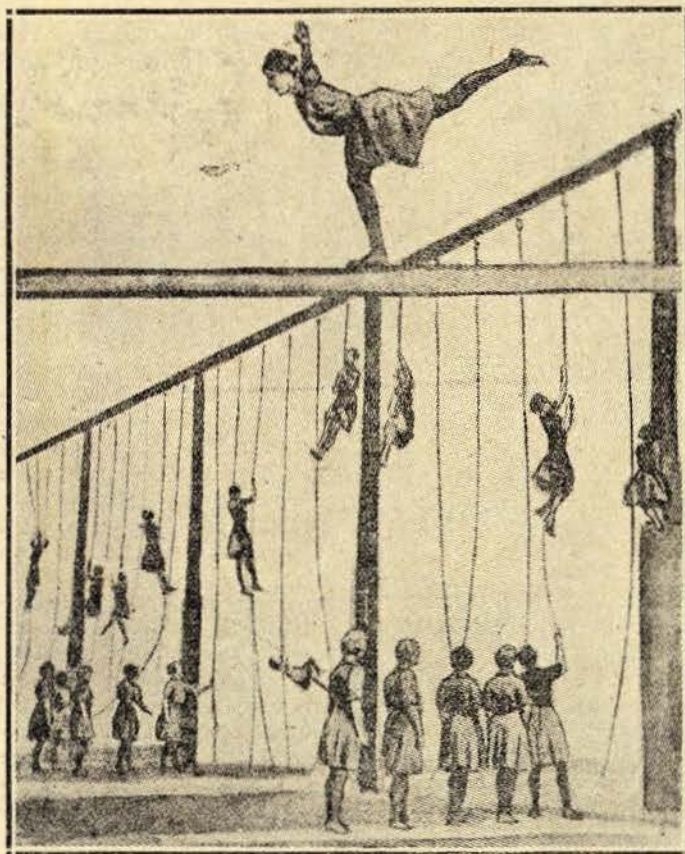
O feminismo avança em todo o mundo, irresistível, triunfante; e nenhuma revolução é tão notável como aquela que se está operando no mundo das mulheres. O que permite ao observador superficial e desatento a impressão de uma trégua, é a ausência daquelas manifestações ruidosas assinaladas por episódios dramáticos e não isentos de certo pitoresco, dos tempos da avó Pankurst, às quais a imprensa mundial dava fantasioso volume e que hoje se tornaram inúteis porque pode-se considerar vencida aquela resistência que tornava fatal essa acção agressiva e violenta. Essa resistência, que se consubstanciava na muralha espessa de preconceitos que tornava o homem renitente em reconhecer à mulher iguais direitos, foi vencida: por um lado, pela persistência na luta e pela justiça das pretensões das mulheres; por outro lado, pela revolução que, nos espíritos de ambos os sexos, as condições criadas pela Grande Guerra operaram. Chamada a substituir o homem na actividade social durante a guerra, a mulher

provou exuberantemente as capacidades que o homem se empenhava em negar-lhe e pôs ponto final à discussão estéril sôbre a superioridade dos sexos. E, desde então, sem barulho e quasi sem hostilidade do sexo masculino — que antes da guerra se obstinava em a não considerar sua igual, — a mulher tem vindo assistindo ao incontável triunfo das suas aspirações.

Nunca, com efeito, as reivindicações feministas assu-



Gertrude Ederlé, nadadora olímpica americana que tentou recentemente a travessia da mancha.



Uma equipe feminina de ginastas nos jogos olímpicos de Estocolmo

miram as proporções de agora; nunca foi tão viva e intensa a campanha feminista. O seu internacionalismo dá-lhe uma força espantosa, invencível. A Europa encontra-se profundamente trabalhada pela sua acção. E não é só a Europa. São as Américas e ate o Oriente.

Duas são as principais organizações internacionais: A *Aliança Feminina* uma; o *Conselho Internacional das Mulheres*, a outra. A acção da primeira é mais caracterizadamente sufragista, mais demarcadamente política. A da segunda é mais social. Os problemas morais, educativos e económicos preocupam-na de preferência. Ambas estas organizações são poderosíssimas. Além do grande número de aderentes, dispõem de recursos monetários e de uma organização burocrática perfeitíssima e completa. Oxalá as organizações operárias internacionais se pudessem equiparar a essas internacionais feministas cuja



Lady Astor, a primeira mulher que entrou no parlamento inglês.

cou de forte. O triunfo do ideal feminista, recebido a ponta de sátiras, é evidente e incontroverso.

Até neste ponto os conservadores—que, obsecados, proclamam ser esta a sua hora, — são batidos pela rajada revolucionária que sobe da alma popular e vai varrendo dos cérebros, até dos que teimam em querer ser conservadores, as velhas concepções sobre a mulher, que apenas em preconceitos se baseavam. E assim, vacilante o antigo conceito da incapacidade intelectual da mulher, abalado o preconceito da superioridade do sexo masculino, a mulher vai, sem oposição dos conservadores e com a simpatia de todos os revolucionários, integrando-se na vida social, tomando o seu lugar ao lado do seu companheiro em todos os ramos da actividade humana.

Ela invade o professorado, desde o primário ao universitário; ela introduz-se nos escritórios comerciais e nas repartições públicas. Vemo-las *chauffeurs* em Paris, policia na América e na Finlândia, aviadoras e radiotelegrafistas no Brasil. Encontramo-las no jornalismo, nos laboratórios, no teatro e no cinema, como reporters e redactoras, como assistentes e directoras, como ensaiadoras e maestrinas e até como *metteur-en-scene!* Elas são médicas, dentistas, farmacêuticas, advogadas, notárias, agrónomas e engenheiras.

Em França são muitas as mulheres que exercem a profissão de advogado nos tribunais de Paris e das províncias. A primeira advogada foi Joana Chauvin cuja admissão no fóro suscitou vivas polémicas. Os sisudos valores viam com inquietação a intromissão das mulheres

montagem de serviços de administração e propaganda devia servir-lhes de padrão. A propaganda quere da *Aliança* quere do *Conselho*, surda, inteligente, tenaz e metódica, é admirável. E à margem dessa propaganda, que em toda a parte se intensifica e alarga, a mulher vai, no campo das realizações, vencendo palmo a palmo aquele terreno até há pouco julgado privativo do sexo que a si próprio se classifi-

numa carreira tão tortuosa. No entanto, dez anos depois, a proporção das advogadas entre os membros dos tribunais franceses era de 3 por 1.000 e hoje é muito maior.

Hoje, a advocacia é profissão aberta à mulher em todos os países europeus e americanos, e até na reacionária Espanha, há poucos dias, pela primeira vez, uma senhora se apresentou como advogada ante os tribunais. O número de mulheres inglesas nomeadas juizes e membros dos júris aumenta consideravelmente.

As artes, as letras e mesmo as sciências contam cada vez maior número de cultores do sexo feminino; e até



Miss Wintrigham, a segunda mulher deputada em Inglaterra

nos desportos a mulher ocupa papel importante, concorrendo aos campeonatos e jogos olímpicos internacionais. E todos os géneros de desporto ela cultiva desde o *football* à natação, desde o pedestrianismo à luta e à aviação.

Creemos não haver já profissão ou campo de actividade em que a mulher não tenha franqueada a sua entrada.

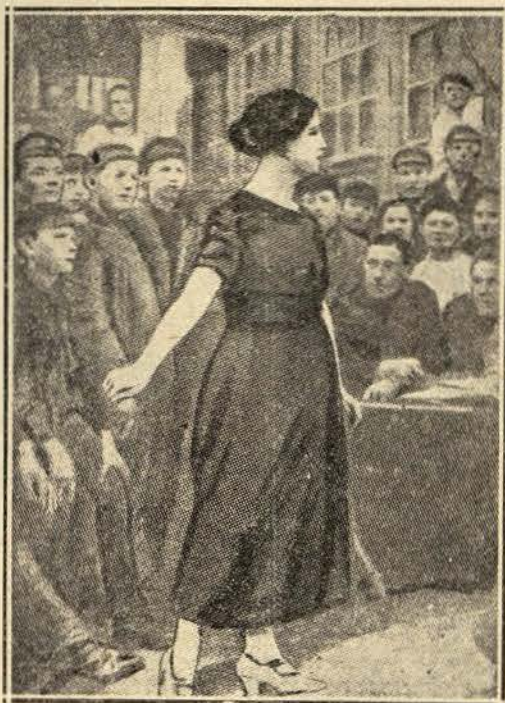
No campo político as conquistas femininas são também enormes. Em quasi todos os países—excepção de alguns latinos e dos balticos—o direito de voto é concedido às mulheres, quere para as eleições parlamentares, quere para as provinciais (Roménia) e municipais e comunais (Belgica).

Na Inglaterra onde as mulheres se batem já pelo direito de herança às cadeiras de lord, uma mulher foi secretária de Estado no governo trabalhista de Mac Donnald.

Na América do Norte é presidente dum dos Estados Unidos da República uma mulher.

No Canadá foi ministra, embora sem pasta, dum governo trabalhista, Mis. Franc Parlyby, sendo de notar que foi esta a segunda mulher que no Canadá subiu às cadeiras da governação.

Na Russia, onde a igualdade política do homem e da mulher é absoluta e onde a injustiça das duas morais sexuais desapareceu dos códigos e vai desaparecendo dos



Uma propagandista operaria alemã discursando.



Na escola, quadro de A. Sédillot

Renovação

N.º 5

(Salão de Paris, 1908)

costumes, a mulher é comissária do povo, presidente dos Soviets e representante diplomática.

A Tcheco-Slovaquia que, depois da Russia, é o país mais avançado sob o ponto de vista feminista, pois desde 1919 as mulheres têm os mesmos direitos políticos que os homens, abriga no seu parlamento — Camara dos Deputados e Senado — a mais larga representação feminina.

Esta intromissão feminina na vida social, provando de maneira eloquente as capacidades da mulher, concorre para desfazer o preconceito vigente contrário à participação do chamado sexo frágil nos vários ramos da actividade moderna, e produzirá por sua vez uma transformação profunda — que já se vai operando — na moral e nos costumes.

Mais por estes seus efeitos do que pelo valor real destas conquistas femininas no campo político e no acesso às ocupações masculinas, ha que saudar jubilosamente o triunfo do feminismo se bem que seja lamentavel a sua falta de idealismo porquanto se limita a pedir para a mulher a igualdade com os privilegiados de hoje, contentando-se com a liberdade miserissima que as leis conferem, com a justiça condicionada e com a felicidade egoista de hoje, sem a ância de um estado social mais humano, de uma maior justiça social. O pior e mais lamentável é que, voltando a nossa observação para o campo revolucionário popular, temos que reconhecer que é, em geral, lento o movimento reivindicador feminino com objectivo social e humano. A acção das escritoras e propagandistas que a causa da Revolução social tem possuido e possui em número relativamente elevado e de incontestavel valôr cultural e intelectual, faz-se mais sentir entre a massa masculina que na feminina, isto devido sem dúvida à incultura da mulher.

No campo sindical, regis-



Zuzanne Delaplace, a primeira mulher nomeada assistente de radiologia em Lariboisiere — Maria Victoria Kent, a primeira advogada espanhola — Germaine Dulac, metteur en scène de cinema — De Oheim, deputada republicana independente no Reichstag.



Alexandra Kollontai antiga comissaria do povo de saúde e hygiene publica, e actual embaixatriz da Republica dos Soviets na Suecia.

tam-se muitas associações de mulheres mas em geral de pouca actividade e de pouco espirito revolucionário, consequência, certamente, da falta de militantes operárias. A história das lutas entre as classes trabalhadoras e a força armada defensora da burguezia, regista, no entanto, nomes de várias heroínas que serão objecto de um próximo artigo; e sintomas vários prognosticam para breve o despertar das massas operárias femininas. A discussão travada nos meios operários de todos os países sobre a forma de captar, de atrair a mulher ao sindicato, mostram que a solução do problema da sindicalização da mulher está preocupando actualmente e vivamente o proletariado. Por outro lado, os partidos políticos da esquerda social desfraldam com coragem o estandarte da liberdade moral e económica da mulher, e essa agitação concorre para despertar as massas proletárias femininas.

Nas últimas eleições em França disputaram as suas candidaturas seis mulheres propostas pelo bloco operário e camponês. Na Alemanha, o partido comunista dispõe de elementos femininos de agitação — dignos discípulos de Rosa Luxemburgo, glória e orgulho do feminismo social revolucionário.

E entre nós? perguntará o leitor. Que progressos tem feito o feminismo em Portugal?

Quais as regalias conquistadas pela mulher portuguesa e que ideal norteia o movimento feminista português?

Continue lendo a *Renovação* e não tardará a vêr satisfeita a sua curiosidade natural e justificada.



As candidatas do Bloco operario camponês de França ás ultimas eleições parlamentares. Da esquerda para a direita: Alice BUREAU, Suzanne GIRAULT, Madeleine OIN, Lucienne MARRANE, Charlotte DAVY, Marguerite FAUSSECAVE.

ACTUALIDADES

O Congresso Internacional Socialista de Marselha



Sentados, da esquerda para a direita: Tom Shaw (inglês), Bon e Adler, organizadores. De pé: Otto Bauer, delegado austriaco; Cramp, Carmagnol e Renaudel.



As delegadas alemãs: Wurmer (à esquerda) e Lore Agnès

Acaba de se realizar em Marselha um grande congresso internacional socialista que se inaugurou sob a presidência de Henderson e a que assistiram quarenta delegados representando trinta países da Europa e da América. Entre os delegados alemães figuram duas mulheres, deputados do Reichstag. O congresso resolveu que o Secretariado da Internacional Operária Socialista fôsse transferido de Londres para a Suíça, continuando Adler como secretário. Entre os organizadores do congresso figura Tom Shaw, secretário da Federação Textil Internacional.

Máximo Gorki

Não sendo bolchevista, pois todas as tendências do seu espírito se inclinam para o anarquismo Gorki exerceu, como jornalista, uma severa crítica aos actos do governo dos Soviets. A sua



discordância, porém, com a política soviética, não impediu que desenvolvesse uma grande actividade e iniciativa no Commissariado da Instrução Pública. A sua crítica justa aos actos dos bolchevistas não agradou a estes, e Gorki, desgostoso, senão coagido, deixou a Rússia. Recebendo agora convite do governo soviético para assistir ao bi-centenário da Academia das Ciências que se deve celebrar em Moscou e em Petrogrado, o célebre escritor declinou o convite, persistindo em não voltar à Rússia.

As mais antigas ruínas do mundo

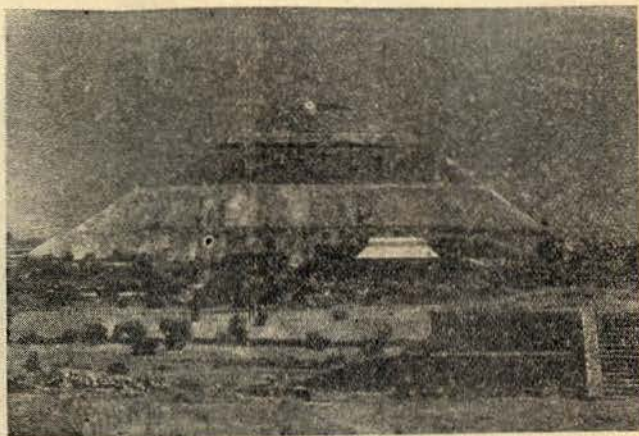
A alma das ruínas é melancólica. A luz, incidindo sobre as colunas tombadas, sobre as paredes mal aprumadas, sobre as pedras negras das ruínas, empalidece,— e o Sol que as doira, nos dias gloriosamente luminosos, parece não ser o mesmo que amadurece os trigais e põe chamas de apoteose na orla palpitante das ondas.

Na velha maneira romântica, as ruínas surgem-nos iluminadas pelo clarão prateado e vago da Lua, ou à chama incerta dos archotes. Porque os românticos quizeram desta forma traduzir a sua melancólica expressão, e, no processo que adoptavam de socorrer-se do cenário para as evocações, como se não fôsse a própria essência das coisas a razão única das emoções que elas nos despertam, era sempre no mistério da noite ou na claridade dúbida do crepúsculo que auscultavam a alma das ruínas.

Mas, mesmo em plena Luz, subsiste essa melancolia que nos constringe:— não ha Sol que dissipe a sombra nas ruínas, não ha Luz que as faça gargalhar a alegria estuante de viver.

Pelas ruínas perpassa a alma errante e condenada do Passado. E, quer elas evóquem um grande crime ou uma glória desaparecida,— sempre nelas ha um enigma que nos perturba e faz mal, contra elas protesta a nossa ânsia bendita de viver. A alma que ali reside não é a companheira consoladora das nossas horas de aflição:— é o símbolo da descrença na Vida.

Umhas ruínas existem que, mais que nenhuma outras, guardam ciosas a chave dum enigma profundo. Restos duma civilização para sempre destruída e da qual



Vista da pirâmide do Sol

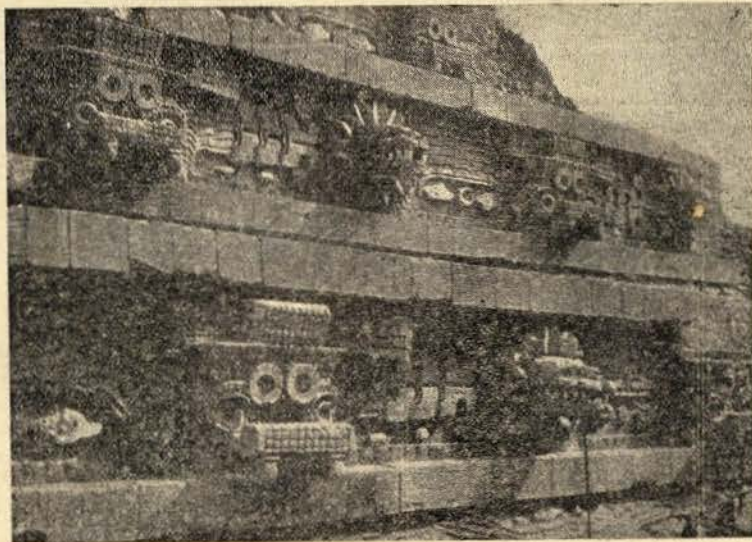
são as únicas recordações, se, como ruínas, são cadáveres despedaçados, esqueletos roídos pelos séculos, como arquivo histórico são um livro a que o Tempo apenas deixou a cinza das páginas e a carneira corroida da lombada. Lê-lo, é impossível. Cem séculos ha, ou mais talvez, que êle foi escrito, e interpretá-lo ninguém conseguiu ainda:— São as ruínas de S. João de Teotihuacan, a quarenta e cinco quilómetros da capital do México.

Ruínas misteriosas, nada sabem dizer dos homens que ergueram os edificios de que elas são os restos. Um véu tenebroso tem até hoje ocultado tudo quanto diz respeito aos entes que povoaram aquela região, ha dez mil anos talvez. Os mistérios do antigo Egipto estão desvendados, conhece-se a história dos remotos templos de El-

lora, na Índia, e as pedras da grande muralha da China falam das luctas e das invasões. Os dolmens e os cromlechs celtas são livros abertos para os entendidos:— mas as ruínas de Teotihuacan são mudas!

Pirâmides quadrangulares, como as egípcias, erguem para o alto os seus cumes que viram já milhões de vezes o Sol sumir-se para lá das cordilheiras que sentinellam o horizonte. Animais fantásticos surgem nos altos relêvos dos muros. Mas ninguém conseguiu ainda interpretar, desvendar o mistério sombrio dessas construcções estranhas.

Um enigma maior que todos os outros avassala a inteligência perscrutadora dos arqueólogos:— como, a milhares de quilómetros de distância, se explica a existência de monumentos similhan-



Detalhe dos corpos que formam o Templo de Quetzalcoatl

AS DUAS FACES



Eu já vi a Revolução. Vi-a num sonho.

Era um figura esbelta de mulher, a incarnação suprema da beleza física e moral. Estava de perfil.

Os seus cabelos ondulados, semelhando uma chuva de ouro, caíam-lhe graciosamente no ombro nu, deslizando sobre a curva flexível do seio tumido.

No olhar, sereno e carinhoso, bailava uma promessa indefinida que tanto poderia dizer simples benevolência protectora como submissão voluntária ao desejo feroso, apaixonado e sensual da besta humana. Nos lábios frementes, caprichosamente recortados, o mesmo sorriso esfíngico que tanto poderia traduzir bondade como lascívia.

E sorria...

— Por que sorris? — perguntei 'embebecido e perturbado.

Ela distendeu o braço nêvo e indicou-me um ponto longínquo, ao mesmo tempo que o seu olhar enigmático acompanhava o gesto.

— Vejo além — disse, numa voz musical — os casais felizes de abundância, as creancinhas rindo na sua ingenuidade santa, os velhos tranqüilos, sem a preocupação constante da sua invalidez. A terra desentranha-se em frutos saborosos e multicôres porque o trabalho dignificado opera maravilhas. A ninguém se nega o direito à vida e de morder o pão que amassa. Tudo o que serve à produção das utilidades é do domínio colectivo. Nenhum homem vive parasitariamente do trabalho de outro homem.

— E o amor? — balbuciei.

— Dá-se, não se vende, porque não há dinheiro que compre.

E havia uma tão estranha expressão de encanto e de suavidade na sua réplica que avancei ousadamente, disposto a estreitá-la num abraço hercúleo contra o meu peito.

E quando os meus braços avançavam recurvados, esboçando a tenaz que a devia cingir a mim, ela voltou-se bruscamente e apresentou-me a outra face.

Recuei transido de horror...

Os seus cabelos, que eu vira há pouco loiros e luminosos, eram agora espessos, esqueléticos e repelentes e ameaçavam-me como viboras raiosas; a boca, que a tinha torcida num repelão de fúria e desespero, deixava ver uns dentes disformes e ponteagudos que sentia penetrarem-me a carne; o olhar que tinha a dureza do aço, fusilava ódios e vinganças implacáveis.

Na dextra brandia um gládio reluzente, gotejando sangue.

— Por que matas? — disse num protesto.

tes aos egípcios? Como é que se notam ali características que denunciam a origem ariana dos remotos habitantes daquelas ruínas? Enigma profundo que parece vir confirmar a existência da fabulosa Atlântide de Platão, desaparecida num cataclismo que data de muitos milhares de anos, e onde a Humanidade conquistara um admirável grau de civilização. Só assim, admitindo a ligação por terra firme, explicam alguns a influência duma raça desconhecida nos habitantes de dois pontos que ocupam no esferoide terrestre territórios diametralmente opostos.

O que eram as pirâmides de Teotihuacan? Mausoleus, como as do Egipto? monumentos a ignotas divindades? Não se sabe. As duas maiores chamam-se *do Sol e da Lua*. A primeira mede 64 metros de altura e cobre 46.225 metros quadrados de terreno; a pirâmide da Lua tem menores dimensões: mede apenas 42 metros de alto e 18.000 metros quadrados de base. Rodeiam-nas muitas outras mais pequenas, mas com as mesmas características de construção.

Nas escavações que se tem feito ali, encontraram-se

DA REVOLUÇÃO

— Porque assim é preciso — retorquiu na sua voz cava de trovão.

«O tumor reclama o bisturi para extravasar o pús que corróe a carne sã. Ha feridas que só cicatrisam com o ferro em brasa. O membro ameaçado de gangrena decépa-se impiedosamente para que não contamine o corpo inteiro.»

— Perdão! — clamei apavorado.

E a voz sinistra e tumular proseguiu indiferente:

— Eu sou a tempestade das almas torturadas por milénios de sofrimento; eu sou a carne macerada dos prostíbulos, a carne deprimida dos escravos que levantaram os palácios de Níviwe, de Babilonia, do Egipto, para fausto de reis e de tiranos; eu padeci no ergastulo e devoravam-me as feras no circo romano, ouvindo, na minha dolorosa agonia, o gargalhar sinistro de patricios e de plebeus.

Carbonisaram-me os membros nos autos de fé; mutilaram-me o corpo em mil campos de batalha; descí á mina, revolvi o sólo, acumulei riquezas e tudo isto para que uns exercessem o seu domínio sobre os outros e tudo isto para que uns arrecadassem até ao superfluo e outros não tivessem sequer o necessário.

Perseguram-me e supliciaram-me com Socrates, com os Gracchos, com Giordano e com Ferrer. Gemi na Bastilha, na Sibéria, em Montjuich e tudo me negaram: o pão da boca como a luz do espirito.

— Perdão? Eu o pedi durante milhares de anos e ninguém me ouviu nem atendeu.

— Perdão? Não, não o póde haver. A humanidade é um doente de doença grave. Tem no sangue inoculado o vírus da podridão e da maldade. E' necessária uma dolorosa operação cirúrgica que expurgue todo o sangue ruim, que varra todos os micróbios propagadores do mal.

— Pois quê! Não estão ainda expiadas todas as nossas culpas? — supliquei.

Ela endireitou mais o busto, ergueu a sinistra e sentenciou:

— Caminha, caminha!

E nós, pioneiros humildes do Progresso Social, cá vamos, caminhando sempre pela consumação dos séculos, como o Asheverus da lenda, esgarçando as carnes no caminho asperro, em busca do Ideal de suprema beleza que jámais alcançaremos.

Adolfo Morais

ossos, esqueletos, pedras com caracteres em relevo. A serpente alada, divindade de ignorado poder, abre por toda a parte as suas fauces cruéis. E o mistério paira sobre o silêncio dessas ruínas, como aza desolada e fria que dali, para todo o sempre, pretende afastar a Vida.

Que terão visto essas pedras gravadas, esses olhos terríficos de monstros desconhecidos? Que cataclismo destruiu os homens que ergueram esses monumentos estranhos e esculpturaram essas figuras apocalípticas?

Só uma coisa se sabe: — são estas as mais antigas



OS JARDINS

A INFLUENCIA DOS ARES
E DAS FLORES

O jardins, numa cidade como Lisboa, são como os *bibelots* e os *solitários* dispersos em nossa casa. Embelezam-na, põem nela a nota de alegria e de conforto, atraem os nossos espíritos, esbatem as nossas emoções.

Eu não conheço espectáculo mais agradável, do que êsse dos jardins copados e floridos, em manhãs de sol primaveril, com a charanga bulhçosa das aves e o garrulo irrequietismo da infância. Eles conseguem retemperar nossos nervos com o estágio de horas junto dos seus canteiros; dão-nos a ilusão do afastamento dêsse crucitar constante dos grandes centros, onde a fera-homem, mascarada de *smoking*, assalta a ingenuidade e a fraqueza, e mais patenteia o orgulho e o egotismo.

Os jardins são o maior motivo de beleza nas grandes cidades e, se bem que a muitos não pareça, representam uma utilidade bem digna de ser exalçada.

As flores com a sua fragância e colorido prendem-nos ao lugar e esbatem o negrume dos nossos pensamentos; o arvoredo envolve-nos nas suas sombras e purifica o ar que respiramos, os seus silêncios sugerem-nos a meditação tão necessária nêste entrechoque de ideias, de escolas e de ambições avassaladoras.

Os jardins adoçam-nos o coração. Entre flores e frutos, à claridade do sol e sob a música das aves, a ideia dum crime não persegue o homem; eles modificam-lhe o seu temperamento, fortificam-no na ideia da beleza e da bondade.

Os jardins da cidade são o campo e a praia dos deserdados.

Emquanto a burguezia que arrecada vastos ganhos pode acampar em longas curas de repouso, por aldeias ridentes, no bucolismo do rio que serpenteia, na monotonia da azenha moente ou sob a chilreada dos pássaros amantes; e o parasita consegue pecúlio para uma longada até à Curia aristocratisada e snóbica — o obreiro da gleba, e o escravo da pena, o burocrata humilde que só por si vive, tem o refúgio do jardim publico onde se ilude e repousa um pouco.

Nesta quadra amena fogem da cidade os pretenciosos que esbulham dinheiro com chi-

quismo inédito; certos não dispensam êste acto de *tom*, e mandam ás servas empenhar as joias...

Por lá, a roleta rola, volve, atrai e suga os vintens.

!Quantos não conseguem seu desfalquesinho, por amor do fresco!...

Fiquem, pois, os pobres nas cidades desertas...

Valem-lhes os jardins, tão cheios de graça, de sombras suaves e de amenos zéfiros.

!Benditos, pois, os jardins que nos dão alegria e benção!

Brindando com os seus aromas os desprezados da fortuna e com suas paisagens aqueles a quem a sorte nunca encontrou, como que se vingam dos que, se podessem, monopolisariam

o ar e a luz, a frescura e a paisagem, para se gosarem de um privilégio de que não poderam ainda lançar mão.

Benditos sejam os jardins!



Jardim da Estrela

Mas, a utilidade dos jardins está, principalmente, no recreio tranqüilo oferecido.

Bastaria êsse facto para que nós os exalçassemos, proclamássemos os seus bene-

fícios, e instássemos pela sua multiplicação.

Cada bairro, cada rúa, deveria ter o seu jardim, a sua cúpula de verdura, as suas flôres...

Sob a vigilância materna, deveriam ser êsses os locais amenos onde a infância se reuniria para correr, para jogar, para cantar suas quadras infantis e dar livre curso à sua relativa liberdade.

Quão felizes são as aves, se as compararmos às creanças cidadinas, tendo em vista o ambiente em que estas se desenvolvem!

Positivamente, em Lisboa e nas grandes cidades, a infância, que mal balbuçea, cedo começa a conhecer a desgraça.

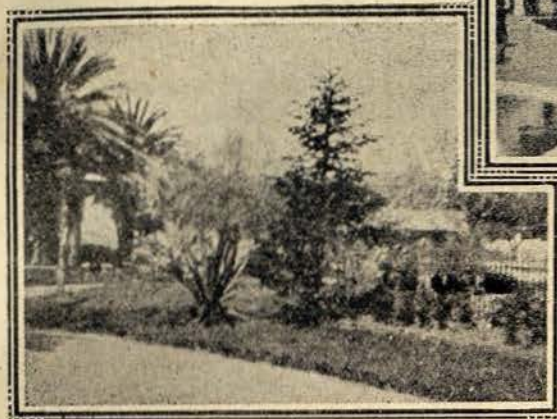
Suas casas são, em geral, de dimensões mesquinhas como um horizonte que vai té ao frontal do prédio a par, ou não longe do saguão da dona do lado... Por vezes iludem a sensibilidade com uns banais mangerfcos dis-

postos na sacada ou no varandim que dá para um pátio sombrio... Ha uma nesga de céu visível, e o sol poisa no prédio, em dois quartos de hora sumidos.

E a creança que, em naturais ímpetos, quer liberdade e vida, sente-se mal no ambiente acanhado que a pobreza dos pais lhe proporciona.

Dáí o continuo desejo de fugir para a ruela em procura de ár e sol; a instintiva aversão que manifesta pela sua casinha minúscula acanhada e sombria. Raras são as mães que compreendem o seu natural desejo... Aquelas que entendem a manifestação natural de seus filhos, lamentam este misero sistema de construções, das quais, por usura, por sordida economia, os proprietários baniram o amplo quintal de outrora — desse outrora mais rude, menos preclaro e sem tantos edis...

As mais sabedoras, por instrução ou instinto, compreendem o anseio magno da próle.



Jardim da Patriarchal

Levam-na, portanto, a curto passeio, quando os deveres caseiros lho podem permitir.

Ocorre-lhes, então, haver jardins em Lisboa. E que lindos, que lindos eles são!

E pelo pensamento desdobram-se as verduras, perpassam seus logares, palmeiras e perspectivas:

O de Santa Clara que domina o Tejo e oferece um panorama esplêndido; o da Graça, pequenino e elegante, com o seu lago ao centro e sua bela vista ao lado; o de São Pedro, proprio para festas e diversões de infância, enriquecido de estatuas e debruçando-se sobre o coração da cidade, onde se sente palpar a sua maior artéria; mais acima o da Patriarchal, e a sombra do *chorão* robusto e velho; o de Santos, o de Santa-Catarina, o da Politécnica magestoso e rodeado de mistério; e tantos outros, floridos, encantadores, tímidos de verdura e serapintados de cores...

E a mãe lembra-se...

Mas, em pensar, mede a distancia que vai a essa residência linda dos pobres.

E' linda; mas é longa a caminhada: não paga a pena um tal palmilhar.

E ficam. Ficam com prejuizo das creanças que continuam a respirar o ar intoxicado das pequenas cubicagens e a alongar a vista até... ao prédio fronteiro, negro de cal e fumo.

Os municípios teem missões de transcendência incompletos.



Jardim de S. Pedro de Alcantara

As criancinhas não de merecer-lhes mais atenções. A elas não basta o que lhes dão.

Multipliquem nossos jardins. Em cada canto plantem flores, em cada largo enterrem arvoredos, cavem um lago, tracem canteiros, ergam palmeiras, disponham rosas — façam jardins. E, depois, ergam baloiços, montes de areia; brindem a infância com esses carros, com pás e ancinhos que são o encanto e o entretem da *miudagem*.

Morrem por ano milhares de infântes... Deem-lhes ár e sol. Ergam jardins a cada canto! E digam, infiltrem o magno respeito que deve haver ante as flores.

Os jardins devem merecer-nos grandes carinhos. Eles são arte, são obra de arte — e os jardineiros, seu genitores, grandes artistas!

D. L.

O objectivo da vida consiste em evitar o sofrimento da carne e as perturbações da alma. Tudo fazemos com o proposito de não sofrer e de não nos sentirmos perturbados. O gozo deve ser o destino de todos os seres, pois mal nascem, por natureza e sem o auxilio da razão, comprazem-se no gozo e repelem o sofrimento. Somente a Natureza pode julgar o que se acha conforme com ela e o que a contraria.

EPICURO

O MUNDO CURIOSO

A vida doméstica há 300 mil anos

Os surpreendentes achados pré-históricos ultimamente feitos ao norte de Bordeus vieram patentear alguma coisa da vida doméstica de há trezentos mil anos.

Devem-se os descobrimentos em questão a um grupo de professores franceses, os quais encontraram primeiramente uma mandíbula, logo a seguir dois fêmures e pouco depois outros ossos fossilizados, completando com todos êles a aparência quasi total de uma mulher dos tempos das cavernas.

O achado foi feito numa eminencia, sobre um cabêço de uns cinquenta pés de altura, onde se divisavam ainda os alicerces duma derruída gruta.



Ali se achavam dispersos e encrustados na rocha milenária os ossos do primeiro tipo de mulher que pisou sobre a superfície da terra. Pelo menos assim o asseguram os professores que acabam de examinar tão antigos fosséis.

Mas mais curioso ainda é outro achado contíguo ao anterior e que vem completar todo um capítulo da vida social antiga.

Descendo um pouco da colina e em uma pequena esplanada que fica ainda sobre o cabêço, e, portanto, a uma grande altura do plano geral do sólo, encontrou-se encrustado na rocha o crâneo completo, com as respectivas mandíbulas e dentes, de um gigantesco mastodonte.

A primeira pergunta que uns aos outros fizeram os seus descobridores foi a de como podia ter chegado até ali o animal em questão. Procurou-se então o resto do seu esqueleto e com surpresa foi verificado que só ali existia o crâneo. A dedução a fazer era lógica. O crâneo fora levado para ali por uma força estranha, acaso por um homem.

Procedeu-se então à minuciosa análise microscópica e química do crâneo e pouco a pouco se foi reconstruindo um aspecto da vida antiga, dessa vida obscura e remota

em que o homem fez a sua aparição sobre a face do nosso planeta.

Essa análise deu um resultado concludente. Observou-se que a cavidade craneana estava descoberta, formando uma espécie de taça, e aderidas às suas bordas encontraram-se fossilizações de substâncias gordurosas e estranhas.

A reconstrução científica veio em seguida. Aquele crâneo de mastodonte era a chaminé utilizada pela mulher daquela época distante.

Assim se explicou também que esse fossil fosse encontrado num sítio onde o animal vivo não poderia trepar. O crâneo foi levado para ali e utilizado pela primeira mulher engenhosa em preparar iguarias. Que deliciosas costeletas de urso pardo não foram cosinhadas sobre aquele velho crâneo mastodóntico?

E' possível que ali mesmo tivesse sido fervida água, pois há evidentes sinais de calcinação na parte inferior da cavidade, além dum ligeiro revestimento de argila, que deve ter sido empregado para evitar a calcinação total da substância ossea.

O quadro foi reconstruído em seguida. Já não se trata de um quadro idílico de Adão e Eva, apoiados sobre uma rocha, ante a roscosa serpente. Mudou de aspecto. Trata-se de uma mulher assando no espeto sobre o crâneo mastodóntico, uma fatia de urso, enquanto a petizada brinca e se baloiça nas prezas do bicho.

E' a reconstituição, enfim, da vida humana de há uns trezentos anos.

A odissea duma habitação

Existe em França, na estrada de Crecy, uma pequena habitação, na parede da qual foi recentemente gravada a inscrição seguinte:

Casa Branca — Edificada em 1723, saqueada pelos prussianos em 1814, incendiada pelos russos em 1815, reconstruída em 1835, saqueada e incendiada pelos bávaros em 1870, reconstruída em 1877, saqueada e depois arrasada pelos alemães de 1914 a 1918 e reconstruída em 1920.

Esta inscrição vale como um documento, um libelo acusador. Colocada no caminho das invasões, a insignificante casa recebe, sempre que a ambição do mando, as paixões dos poderosos, o patriotismo criminoso das outras raças se desencadeiam sobre a França, o embate das hordas desvairadas dos invasores; mas é também um belo exemplo de quanto o anseio bendito de viver sobreleva o instinto maldito da destruição: — desmantelada, incendiada, arrasada vezes sem conta, a casita humilde tem sido outras tantas vezes erguida, reconstruída com disvelo.

O Grande Crime passa sobre ela — fica um montão de escombros. O homem, quando a tempestade termina, constroi de novo as paredes que o fogo tisonara — e a vida floresce outra vez, afastando o espectro desanimador da assolação.

SE APRECIAS ESTA REVISTA E
JULGAIS UTIL O SEU LABOR, CON-
CORREI PARA A SUA EXPANSÃO.
SE CADA ASSINANTE DA **RENO-
VAÇÃO** CONSEGUISSE UM NOVO
ASSINANTE, ESTA REVISTA PO-
DER-SE-IA PUBLICAR COM O DÔ-
BRO DE PAGINAS SEM ALTERA-
□ □ ÇÃO DO PREÇO ATUAL □ □

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Condições de assinatura:

Portugal e Espanha

3 meses	9\$00
6 »	18\$00
Ano	36\$00

Exterior

6 meses	21\$00
Ano	43\$00
Numero solto	1\$50

ANUNCIOS

No interior e ultima pagina da capa, ilustrados e a
côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A - LISBOA